



ID: 113327517

27-09-2024 | WEEKEND

12 TEMPOS MODERNOS

13

Sexta-feira | 27 de setembro de 2024 | Negócios


A radicalização da meia-idade



No Reino Unido, os protestos anti-imigração, impulsionados pela extrema-direita, tornaram-se violentos. Em Rotherham, vários requerentes de asilo foram agredidos.

Um pouco por todo o mundo, a geração entre os 45 e os 65 anos assume cargos de poder na política, nas empresas e nas organizações. A sua eventual radicalização ganha assim contornos ainda mais preocupantes, acredita um grupo de investigadores europeus, que criou o projeto SMIDGE para promover a reflexão e fornecer contranarrativas que combatam o discurso de ódio. Contudo, mais do que a idade, é preciso estarmos atentos ao que alimenta sentimentos de frustração e isolamento.

SUSANA TORRÃO



O

s participantes dos motins que agitaram o Reino Unido neste verão, os eleitores que engrossaram o voto na extrema-direita em França, e o homem suspeito de tentar assassinar Donald Trump pouco têm em comum, a não ser a idade, entre os 45 e os 65 anos. Para Sara Wilford, investigadora do Centro de Computação e Responsabilidade Social da Universidade de Montfort, no Reino Unido, este é um pomenor relevante. “As pessoas desta faixa etária, ao mesmo tempo que revelam uma suscetibilidade para as narrativas extremistas, também têm poder de influência sobre os decisores”, alerta a porta-voz do projeto de investigação europeu SMIDGE (Social Media Narratives: Addressing Extremism in Middle Age).

Para a investigadora, a ausência de dados é outro aspeto a destacar nesta faixa da população. “Há muita investigação sobre os jovens e sobre a população mais velha, mas a chamada ‘meia-idade’ é deixada de fora nos estudos”, aponta, em declarações ao Negócios. “Quando olhamos para as imagens do que aconteceu este verão [no Reino Unido], vemos pessoas de meia-idade no meio da violência, a incitá-la a partir das margens ou a influenciá-la a partir de casa. Mas não havia nada que mostrasse o porquê de estas pessoas estarem ali”.

Reunir dados sobre esta temática é um dos objetivos do SMIDGE que, além do Reino Unido, envolve investigadores de universidades da Dinamarca, Bélgica, Itália, Áustria, Kosovo e Chipre. “Para já, apercebemo-nos de que a plataforma Telegram é dominada por utilizadores desta faixa etária”, adianta Wilford. “Realizámos um inquérito a nível europeu e estamos a fazer ‘focus groups’ com alguns participantes para perceber o que consomem online e o que os atrai em determinados conteúdos”, continua.

Ao mesmo tempo, o grupo de investigadores está a criar contranarrativas – vídeos, “memes” e um documentário – para promover a reflexão e o espírito crítico face aos conteúdos digitais. “Não vamos poder

fazer nada pelas pessoas que já ‘caíram na toca do coelho’, mas queremos chegar àquelas que normalmente partilham conteúdos sem pensar no assunto”.

RETRATO-ROBÔ

O grupo de investigadores está ciente de que, num grupo de análise tão vasto, os perfis são heterogéneos. “Uns foram radicalizados recentemente, mas, para outros, ter 55 anos não é significativo, porque aos 18 já apoiavam a (então) Frente Nacional, exemplifica Sara Wilford. “Se quiser, identificámos dois grandes grupos: por um lado, um grupo de pessoas muito poderosas – os ‘Elon Musk, Nigel Farage, Marine Le Pen’, que estão nesta faixa etária. E depois outro grande grupo, de pessoas mais desfavorecidas, de trabalhadores manuais, que vivem em habitação social, que sentem que foram deixados para trás”, explica. Além disso, nota-se um aumento da adesão feminina a um discurso mais radical. Um facto que em França se tem vindo a traduzir no crescimento do voto das mulheres na União Nacional, cujo peso passou de 20% para 30% nos últimos cinco anos.

Uma tendência que, para Sara Wilford, pode estar relacionada com o facto de as mulheres entre os 45 e 65 anos se sentirem ignoradas ou “invisíveis” em vários setores da sociedade. “Nestes movimentos, sentem que são relevantes, que são vistas e que têm estatuto”, diz. “A ironia é que algumas destas mulheres estão a promover a sua futura condenação, um pouco à imagem do que é retratado em ‘The Handmaid’s Tale’. Mas, enquanto o fazem, são vistas, são ouvidas”, aponta.

Independentemente do género, o facto de esta ser uma geração que cresceu ainda longe dos media digitais pode, no entender de Sara Wilford, torná-la mais vulnerável. Muitos procuram informação nos media tradicionais e, por não conhecerem as regras que os regulam, “acreditam que a informação nas redes sociais é equivalente. E se se apercebem que aquela informação não é reportada nos media tradicionais, acreditam que têm acesso a conteúdos privilegiados e não a desinformação”, alerta.

ISOLAMENTO E FRUSTRAÇÃO

Mais do que a idade, para Tiago Lapa, investigador do ISCTE/CIES-IUL, fatores como a escolaridade, o estatuto socioeconómico ou até as questões de género, pesam na tendência para a radicalização online. “A vertente da escolaridade é muito importante, tendo em conta a falta literacia digital e a fraca compreensão daquilo que é o digital e de como os algoritmos e as plataformas digitais podem contribuir grandemente para a construção da perceção da realidade”, avisa o investigador. E, deste ponto de vista, a juventude não dá garantias de uma maior proficiência, acrescenta Tiago Lapa: “Podemos identificar vários tipos de literacia e, muitas vezes, confunde-se o que é a literacia dos jovens de saber mexer com um tipo de literacia mais crítica e que tem a ver com uma leitura social e crítica sobre os efeitos que as tecnologias digitais têm sobre nós”, alerta.

Mas, não importa a idade, todos podemos estar expostos “a bolhas algorítmicas e a câmaras de eco que amplificam os discursos extremistas ou radicalizados ou os discursos de ódio, que identificaram um grupo etário mais vulnerável”. Para Tiago Lapa, na faixa dos indivíduos de meia-idade, aqueles que podem estar mais suscetíveis são os que estão socialmente isolados, eventualmente homens, em situações de vulnerabilidade. “Têm condições de vida suscetíveis de sentirem frustração e ressentimento, que vai funcionar como alimento para a radicalização e para abraçar determinado tipo discurso radicalizado”, diz.

O isolamento social, a desconexão familiar ou comunitária – sobretudo em zonas que sofreram impactos económicos, como a chamada “cintura da ferrugem” nos Estados Unidos – são fatores associados a uma maior vulnerabilidade. “Esse tipo de fenómenos pode ser identificado noutras sociedades, incluindo a portuguesa, onde em comunidades empobrecidas, com laços sociais deteriorados, um elevado desemprego e falta de redes de apoio e de integração, as pessoas ficam mais vulneráveis à radicalização”, refere Tiago Lapa. São indivíduos que se sentem traídos pela sociedade e que vão encontrar online comunidades que capitalizam esse ressentimento, diz.

“Falamos de pessoas inseguras, que se sentem ameaçadas pelo contexto económico e social. E a investigação mostra que isso é propício à adoção de teorias da conspiração, que toldam uma leitura complexa da realidade”, afirma o investigador do ISCTE. Pessoas entre os 45 e 65 anos numa situação de desemprego ou que sintam que não alcançaram os objetivos a que se tinham proposto, parecem estar de facto mais vulneráveis à radicalização. ■